

CIARI – Centro De Investigação E Análise Em Relações Internacionais
Bairro Da Esperança N° 31 Cruz De João Mendes, 7540-555,
S. Francisco Da Serra, SETÚBAL **Tel:** 931615005 **Fax:** 305505894
<http://www.ciari.org>

Terrorismo

Janeiro de 2004

Maria Sousa Galito
Doutoranda em Ciência Política e Relações Internacionais

Introdução

Neste trabalho tentei explicar o fenómeno do terrorismo. Analisei o quanto assenta no impacto psicológico negativo sobre a pessoa humana, e como conseguiu mais um sucesso na História, a *11 de Setembro de 2001* nos EUA, ao atacar a única superpotência à escala planetária que, até então, se julgava invulnerável; impingindo sofrimento através de operações de contravalor, desta feita, pela mão de membros da Al-Qaeda, fundamentalistas islâmicos defensores de uma neo-jihad, contra os infiéis e *odiados* ocidentais, a quem acusavam de os obrigar a aceitar valores como a democracia, o pluralismo e a economia de mercado, trazidos pelos ventos da globalização. Procurei ainda avaliar o quanto é mais perigoso este terrorismo de índole religioso e desterritorializado, qual a natureza da sua acção, que material ensina a usar, e que tipo de pessoas geralmente constituem o seu braço armado; o quanto visam atacar inocentes, sobretudo de sociedades habituadas a valorizar a liberdade, a vida e a compreensão mútua – sendo, por isso mesmo, alvos mais fáceis e apetecíveis; porque o objectivo é destabilizar, apanhar de surpresa e desorganizar o *inimigo*; é germinar a incerteza na população ou até a suspeita em relação às instituições; é obrigar os governos a investir na segurança; é, se possível, culpar as vítimas das próprias acções dos terroristas. Resta à sociedade ocidental não sucumbir à pressão e evitar cair em mais armadilhas. Da parte dos terroristas, como foi demonstrado depois de 11 de Setembro, por exemplo, em Bali e na Turquia, estes não vão desistir dos seus objectivos, incluindo os fins políticos, quer os consigam, quer não; porque o tempo, pensam eles, joga a seu favor.

Terrorismo

Os camelos podem ver, mesmo de olhos fechados; as suas pálpebras são translúcidas. Assim, quando outros não conseguem, ou teriam mais dificuldade em fazê-lo, eles caminham nas dunas durante as tempestades de areia.

11 de Setembro de 2001 passou a ser um marco histórico; o dia em que os EUA foram alvo de um ataque terrorista – ao mesmo tempo incisivo, simbólico e mediático – responsável pela morte de milhares de inocentes¹; em que terroristas enterraram fundo a adaga, ao usar contra os EUA meios norte-americanos e conhecimentos técnicos aprendidos no Ocidente; e sem aviso que minorasse os efeitos ou mesmo a reivindicação imediata deste – só depois surgiu a figura de Ossama Bin Laden. Pensou-se que o mundo tinha mudado e nunca mais ia ser o mesmo. Será que sim? Não o poderia ser por constituir ameaça global² (desde o séc. XV que a escala ampliou e há quem se queixe) e atacar um país em paz não era caso único,

¹ «As vítimas dos primeiros movimentos terroristas rebeldes de há um século foram personalidades públicas sumamente conspícuas, assassinadas enquanto “símbolos” das “iniquidades do sistema” (...) Em cada década sucessiva houve tendência para (...) indefesas, pessoas cada vez com menos valor como “símbolos” e menos relacionadas com – ou são menos responsáveis de – qualquer situação que os terroristas lutam por modificar.» [Rapoport, D. C. (1985), “Introdução” in *La moral del terrorismo*, Ariel, Barcelona, pp. 6].

² O próprio projecto terrorista à escala mundial tem décadas: «(...) em janeiro de 1966 – inaugurou-se em Havana uma Conferência Tri-continental, à qual compareceram 513 delegados representando 83 grupos terroristas do Terceiro Mundo. Jamais se vira coisa igual desde a Revolução Bolchevique em 1917, e o mundo nunca mais voltaria a ser o mesmo. (...) O seu objectivo era estabelecer “uma estratégia revolucionária global para combater a estratégia global do imperialismo americano”» [Sterling, C. (1982), *A rede do terror – A guerra secreta do terrorismo internacional*, Nórdica, Rio de Janeiro, pp. 24].

nem na América do Norte (veja-se o ataque a *Pearl Harbor* pelos japoneses, que desequilibrou a Balança de Poderes na II Guerra Mundial). Nesse caso, porque correu tanta tinta? Porque vivemos numa *sociedade-espectáculo*? Não só mas também. Assistimos em directo pelas televisões ao que *não deixou de ser* uma tragédia e um acto reprovável com impacto mundial, que aconteceu bem no coração económico dos EUA, a única superpotência actual, quando se achava incólume; o mundo assistiu a uma vulnerabilidade norte-americana sem precedentes, provando assim que nenhum Estado está livre de perigo. Razão porque o sentimento de segurança internacional sofreu um abalo; porque tantos países (inclusivamente rivais tradicionais) se uniram compulsivamente contra uma ameaça comum. *Algo mudara*. Já não se falava no *Fim da História*, temendo-se sobretudo conflitos de índole religiosa.³ Iniciávamos um novo ciclo em que a agenda política parecia adaptar-se à aguda ameaça de conflitos não-clausewitzianos.⁴ Ou mesmo, segundo David Rapoport, entrávamos na “quarta vaga” da História⁵.

O terrorismo visa impor o medo; baseia-se no impacto psicológico negativo sobre a pessoa humana. O seu objectivo, consciente ou não, é abalar uma parte muito especial do cérebro humano⁶ – dois grupos de neurónios mais ou menos simétricos, conhecidos pelo nome de amígdalas. O medo, que é um instrumento biológico de sobrevivência, supostamente útil para evitar o perigo, passa assim a ser manipulado. Por exemplo, no *11 de Setembro* faleceram milhares de vítimas em Nova York, mas mais ficaram para contar a história e o mundo assistiu a tudo pela televisão. Quem sobreviveu aos eventos, ou de certa forma os presenciou, é também *contabilizável*; porque uns ficaram fascinados com o poder dos *justiceiros* e passaram a apoiá-los – sem um mínimo de aprovação, a acção terrorista morre; outros ficaram chocados e retaliaram; a maior parte ficou simplesmente apavorada. É preciso perceber que os grupos terroristas vivem das experiências traumáticas que desencadeiam, para obter efeitos superiores aos resultados efectivos das suas acções, já que

³ «(...) o desmoronamento do leste soviético pareceu animar a convicção de que as lutas ideológicas tinham realmente chegado ao fim da história, no sentido hegeliano reclamado atrevidamente por Fukuyama, apressadamente convicto de que o modelo atlântico especificamente americano, da democracia política, da economia de mercado, e do respeito pelos Direitos Humanos segundo a leitura ocidental da Declaração Universal da ONU, se espalharia pelo mundo (...) Huntington, que, ao contrário de ver no horizonte o fim da história, prospectivou que os conflitos do novo milénio seriam entre as áreas culturais, definidas estas sobretudo pelo tipo de adesão religiosa professada.» [Moreira, A. (2000-2001), “A Entrada no Terceiro Milénio”, *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*, Separata, Vol. XIII, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, pp. 11].

⁴ «(...) em que o protagonismo estratégico, ou parte dele, deixa de pertencer aos actores tradicionais (como os estados), que actuam com finalidade política (conflitos clausewitzianos), e passam a residir em actores que não fazem a guerra em termos de benefícios e perdas, e sim por processos e fins dificilmente perceptíveis e controláveis, normalmente impelidos por razões de natureza escatológica, visando contribuir para alcançar um objectivo de natureza divina (guerra santa, a lei de Deus na terra), ou humana (o homem novo de Marx ou uma sociedade socialmente justa, de alguns grupos antiglobalização). Ou até uma mescla de elementos de todos estes objectivos.» [Loureiro dos Santos, General (2002), *A Idade Imperial. A Nova Era – Reflexões sobre Estratégia III*, Publicações Europa América, Lisboa, pp. 53].

⁵ «David Rapoport descreveu o terrorismo moderno, como o perpetuado pela Al-Qaeda, qual parte de uma “quarta vaga” de inspiração religiosa. Esta segue três fases históricas anteriores em que o terrorismo estava ligado à queda de impérios, descolonização e anti-ocientalismo esquerdista.» [Cronin, A. K. (2002/2003), “Behind the Curve – Globalization and International Terrorism”, *International Security*, vol. 27. n.º 3, Winter, pp. 35].

⁶ O fenómeno foi durante muito tempo preferencialmente analisado pela Psicologia mas, desde meados do século XX, a escola anglo-saxónica procurou desenvolver um estudo mais político da matéria.

a força matriz existe e resiste em função dos resultados; quiçá por isso, quando o terrorismo passa a ser uma opção, entra numa espiral de horror que dificilmente pára ou tem limites⁷; tanto que vários outros ataques se seguiram ao 11 de Setembro – o que num mundo globalizado significa em qualquer parte do mundo, não necessariamente nos EUA – como foram os exemplos em Bali e na Turquia. E visam efeitos superiores porque os terroristas, supostamente, almejam fins políticos.⁸ E se o terror pode não impor, por si, as alterações políticas desejadas, quase de certeza desencadeará uma *resposta*, que eles quererão aproveitar para as conseguir⁹; leve o tempo que levar, já que o processo precisa de ser, regra geral, obstinado e duradouro; e, como qualquer luta dialética, o resultado dependerá muito da forma como os oponentes interagirem.

Entretanto, os meios justificam os fins¹⁰. O terrorismo dribla num jogo de sombras e pensa-se acima da lei, empregando métodos que vão contra os Direitos Humanos universais. Pode defender ou combinar elementos étnicos, fanáticos, marxistas e nacionalistas. Não tem porque ter rosto, bandeira ou exército identificável. Pode ser obra de um só indivíduo – como Timothy McVeigh, em Oklahoma; pelo que não são preciso muitos, desde que determinados e eficientes, para destruir o alvo¹¹, impingindo sofrimento através de *operações de contravalor*¹². Por outro lado, não é fenómeno novo. Há quem refira a seita

⁷ «Os limites entre o permissível e o não permissível diluem-se», defende Ivianski, e a história do terrorismo russo demonstra que o terrorista pode saber onde se começa, mas jamais sabe “como ou onde acaba”. A necessidade de mais terror renova-se sempre, sempre que há uma nova razão para não abandoná-lo.» [Rapoport, D. C. (1985), “Introdução” in *La moral del terrorismo*, Ariel, Barcelona, pp. 8]

⁸ «Osama bin Laden e os Talibã conferiram apoio ao terrorismo e à insurreição à escala mundial para conseguir um número de objectivos políticos incluindo: reconhecimento internacional dos Talibã enquanto autoridade legítima para governar o Afeganistão; retirada da presença dos EUA de certos estados do Golfo; demonstrações de vulnerabilidade e fragilidade dos EUA e, contrariamente, de poder e alcance dos terroristas; a substituição de governos “ilegítimos” no mundo por outros que sigam o califado ou a estrita implementação da lei Sharia; e controlo político sobre locais islâmicos sagrados como Meca e Medina.» [Kiras, J. D. (2002), “Terrorism and Irregular Warfare” in J. Baylis *et al.*, *Strategy in the Contemporary World – An Introduction to Strategic Studies*, Oxford University Press, Oxford, pp. 209].

⁹ Autores como J. D. Kiras defendem que a diferença entre *Terrorismo* e *Guerra Irregular* poderá consistir no conseguir ou não da tal mudança política que as acções motivaram: «O Terrorismo procura chamar a atenção para uma queixa política mas raramente, se alguma vez, resulta por si em alteração política. Guerra Irregular, em contraste, é uma tentativa de conseguir essa mudança pela força das armas.» [Kiras, J. D. (2002), “Terrorism and Irregular Warfare” in J. Baylis *et al.*, *Strategy in the Contemporary World – An Introduction to Strategic Studies*, Oxford University Press, Oxford, pp. 211].

¹⁰ Alexander Ulianov (terrorista russo): «Quando estão em perigo interesses vitais da sociedade, numa situação de desigualdade deprimente entre as partes rivais, a parte débil deve recorrer a meios desesperados (...) A obrigação para com uma pátria despojada de seus direitos e oprimida deve antepor-se à obrigação para com a família.» [Ivianski, Z. (1985), “O problema moral – Alguns aspectos do terror individual” in D. C. Rapoport, *La moral del terrorismo*, Ariel, Barcelona, pp. 28-29].

¹¹ Exemplo de terrorismo (anos 70 do séc. XX): «Até mesmo os Tupamaros uruguayos tinham apenas três mil membros, um décimo de um por cento da população, quando conseguiram demolir a república democrática mais liberal da América Latina.» [Sterling, C. (1982), *A rede do terror – A guerra secreta do terrorismo internacional*, Nórdica, Rio de Janeiro, pp. 28].

¹² Operações de contraforça e contravalor: «As primeiras são operações destinadas unicamente a inutilizar o inimigo, a atacar e eliminar a sua capacidade para lutar. As últimas estão destinadas primeiramente a causar sofrimento ao inimigo (...) Pôr bombas ao acaso num mercado, reter diplomatas para obter um resgate e sequestrar aviões de carreira são acções que caem todas na categoria de contravalor, ou seja na categoria de “terrorista”.» [Quester, G. H. (1985), “A eliminação da oportunidade terrorista”, in D. C. Rapoport, *La moral del terrorismo*, Ariel, Barcelona, pp. 143-146].

dos *sicarii* de Sica (66-73 d.C.) como o primeiro grupo terrorista conhecido, por empreender acções de intimidação e violência selectiva¹³. Mas o termo terrorismo, com a conotação que actualmente se lhe atribui, sinónimo de medo e arbitrariedade, surgiu depois dos excessos da Revolução Francesa, que então usava o terror como uma arma legítima, reivindicando a violência como purificadora. A partir destes dois exemplos simples, é possível diferenciar o terrorismo estatal – supostamente apoiado em leis conjunturais de excepção – do anti-estatal – radical e armado contra a autoridade estadual, de carácter político e/ou religioso, por se achar no direito de reivindicar determinados fins incompatíveis com os dessas forças internas, ou mesmo contra forças externas influentes nesse país. Na era moderna, segundo Cronin¹⁴, existem quatro tipos de organizações terroristas: de índole esquerdista, impulsionados por movimentos comunistas; de índole direitista, de inspiração nazi; etno-nacionalista/separatista, em especial pós II Guerra Mundial, acompanhando os movimentos de descolonização; e de índole religiosa.

Assumem a forma de *poder popular* quando passa a controlar os principais sectores de uma certa sociedade, enfraquecendo a força do Estado por o pressionar a absorver fins até então inconcebíveis e ilegais; pretendendo transferir a obediência civil ao Estado, pela obediência aos objectivos do grupo terrorista; tantas vezes apoiados do outro lado da fronteira – alguns Estados como o Irão, a Coreia do Norte e o Iraque, ou até o Sudão, a Síria e a Líbia, são repetidamente acusados de apadrinharem actividades ou grupos terroristas (*sponsor states*); outros possuem condições para o terrorismo *estabelecer os seus quartéis (heavens for terrorism)*, como a Autoridade Palestiniana, a Indonésia, o Líbano, a Somália e o Iémen. Apoiam os terroristas, certas facções que se movem no meio da teia por razões pessoais, financeiras ou táticas. Por exemplo, durante a Guerra Fria, as superpotências amparavam certos grupos sem intervir directamente nos conflitos, o que lhes permitia afirmar que não tinham nada a ver com o que se estava a passar. No mesmo período, Estados como o Irão, a Líbia e a Síria, apoiaram movimentos terroristas, deixando que estabelecessem no seu território *santuários* e campos de treino. A Coreia do Norte acolheu refugiados políticos e todo o tipo de extremistas provenientes de outros países em várias zonas de treino, justificando a sua decisão com a alegação de eles defenderem os ideais da Revolução Socialista.

Aqueles que se movem por ideais religiosos, procuram na Religião um projecto político; os muçulmanos¹⁵ são disso um exemplo, até porque na sua religião ambos estão interligadas. Mas os fundamentalistas julgam-se vítimas de um conflito entre civilizações, apoiando-se na esperança de um novo califado que, dizem eles, libertará a cultura muçulmana por ora

¹³ Rogeiro, N. (2002), *Guerra em Paz – A Defesa Nacional na Nova Desordem Mundial*, Hugin Editores, Lisboa, pp. 768.

¹⁴ Cronin, A. K. (2002/2003), “Behind the Curve – Globalization and International Terrorism”, *International Security*, vol. 27, n.º 3, Winter, pp. 39.

¹⁵ Mas os muçulmanos não são necessariamente uma comunidade. Por exemplo, os muçulmanos árabes baseiam-se numa tradição que desagua historicamente nos séculos de maior desenvolvimento civilizacional de Damasco, Cairo e Bagdade, pelo que possuem um espírito mais comercial, apoiando-se no facto do próprio Profeta Maomé ter sido mercador. Por outro lado, os muçulmanos não árabes (a maioria) ou até os árabes ditos islamitas, optam por outra leitura do Islão, argumentando a favor de um carácter mais igualitário que dizem ser o preferido pelas escrituras. [ver Carré, O. (1995), “Religião e política no mundo islâmico”, *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 23, Verbo, Lisboa, pp. 453-466].

vilipendiada pelo poder espúrio ocidental; razão porque os sacrifícios humanos se justificam, assegurando honras especiais da parte de Alá.¹⁶ A Al-Qaeda de Bin Laden representa o terrorismo desterritorializado¹⁷, um *Poder Errático*¹⁸ que tem em comum com outros grupos extremistas muçulmanos um acerbo ódio ao Ocidente, defendendo a neo-*jihad* em substituição da *jihad* islâmica tradicional.¹⁹ Um terrorismo religioso que se torna especialmente perigoso por cinco razões, segundo Cronin: por defender uma luta entre o Bem e o Mal; por o comportamento violento se justificar, directa ou indirectamente, em função dos ditames de um Deus; por não se pensar constrangido por leis ou valores seculares; parece não querer corrigir o sistema que ataca, mas substituí-lo completamente; e porque a população que os apoia está dispersa na sociedade civil, sendo difícil de distinguir dos crentes não-fundamentalistas²⁰.

A neo-*jihad* é um ideal alimentado por mecenas; ricos empresários ou famílias abastadas que financiam um submundo de complexidade crescente, interdependente, onde circula uma informação codificada. São os chefes hierárquicos de sociedades ainda clientelistas, que se rebelam contra a perda de privilégios, acusando o capitalismo ocidental e a sua sociedade, que dizem desprovida de valores, de tudo quanto de mal lhes acontece, a eles e aos seus²¹. Aproveitam os seus conhecimentos e contactos, e empenham a sua fortuna

¹⁶ No caso da Al-Qaeda, os seus agentes parecem visar «(...) uma nova *umma* que, a despeito de estar centrada nos territórios da diáspora, pretende constituir o germe impulsor da verdadeira *umma*, como comunidade universal dos crentes. É uma *umma* transnacional, a “*umma*” imaginária ou “uma virtual”, tal como Olivier Roi lhe chama (...) é como se deixasse de existir a “terra do islão” ou melhor, todo o planeta é terra do islão. [Loureiro dos Santos, General (2002), *A Idade Imperial. A Nova Era – Reflexões sobre Estratégia III*, Publicações Europa América, Lisboa, pp. 96].

¹⁷ «Segundo Farhad Khosrokhavar, a Al-Qaeda possui as principais características das seitas modernas, com a diferença que não se isola e, pelo contrário, procura recrutar os muçulmanos “autênticos” para promover a sua “cruzada”, e ainda é caracterizada pela sua origem militar (guerra contra os soviéticos, no Afeganistão). Cada rede descentralizada corresponde a uma “subseita”, a Al-Qaeda constitui uma verdadeira “hiper-seita”. Tem muitas características das super mafias internacionais do crime, com tentáculos em todo o mundo. (...) profundo anti-americanismo e anti-ocidentalismo e, especialmente, a sua ligação com as redes terroristas fundamentalistas com objectivos nacionais.» [Loureiro dos Santos, General (2002), *A Idade Imperial. A Nova Era – Reflexões sobre Estratégia III*, Publicações Europa América, Lisboa, pp. 99].

¹⁸ «(...) neste domínio, aquilo que vigora é o princípio da *efectividade*, e um poder errático que se imponha passa inevitavelmente a ser o interlocutor político. Sem território, sem população, sem orçamento, sem legalidade objectiva, exactamente o negativo do Estado que conhecemos, tem a legitimidade política pendente da eficácia da intervenção.» [Moreira, A. (2000), “Poder Funcional-Poder Errático”, in *Estudos da Conjuntura Internacional*, Publicações Don Quixote, Lisboa, pp. 67].

¹⁹ Bassam Tibi: «Neo-*jihad* é uma nova interpretação do Corão que permite a prática do terrorismo. A *jihad* islâmica tradicional permite travar guerra contra os não crentes, mas proíbe completamente o combate com emboscadas (*ambush fighting*), isto é, também (proíbe) o terrorismo.» [Bassam Tibi cit. in Loureiro dos Santos, General (2002), *A Idade Imperial. A Nova Era – Reflexões sobre Estratégia III*, Publicações Europa América, Lisboa, pp. 91].

²⁰ Cronin, A. K. (2002/2003), “Behind the Curve – Globalization and International Terrorism”, *International Security*, vol. 27, n.º 3, Winter, pp. 41-42.

²¹ «(...) valores liberais-democráticos estão embebidos na infra-estrutura económica que sobressai nas democracias de mercado, e como os valores e credos colectivo-autocráticos estão embebidos nas economias clientelistas. Como resultado da globalização, estes valores e credos estão crescentemente a chocar nas economias mistas mercado-clientelistas do terceiro mundo, elevando intenso ressentimento anti-mercado dirigido primeiramente contra o epítome da civilização de mercado: os EUA» [Mousseau, M. (2002/2003), “Market Civilization and its Clash with Terror”, *International Security*, vol. 27, n.º 3, Winter, pp. 6].

infiltrando-se discretamente no Mercado Financeiro Internacional²², beneficiando das vantagens dos *off-shores* para multiplicar e lavar o dinheiro da participação directa ou indirecta em actividades ilícitas. Também fazem marketing de conveniência ou propaganda política²³, para estreitar laços e garantir a fidelidade a uma causa, que reinterpreta os textos em que se baseia; numa engenharia social que consegue aguçar o espírito dos ouvintes, convencendo-os a suportar sacrifícios. Resultado, pelo meio há muita hipocrisia.²⁴ O próprio Bin Laden «(...) é um produto desta aliança espúria entre a CIA e os serviços secretos norte-americanos e líderes religiosos sauditas e paquistaneses, forjada durante a guerra do Afeganistão para ajudar os *mujahedines* a derrubar o regime comunista de Cabul, apoiado militarmente pela URSS. Após a tomada de Cabul, em 1989, os fundamentalistas islâmicos, inebriados pela derrota infligida a uma das superpotências, pensaram logo em virar as (mesmas) armas contra a outra»²⁵.

No processo, os terroristas sofisticaram a gestão dos seus recursos e a forma de lidar com o seu *exército*, fomentando uma prática *espartana* fundada em rigor e disciplina. A larga maioria de *peões* sabe o indispensável para cumprir ordens, desejando-se flexíveis e de resposta rápida. Tanto concentram esforços numa acção conjunta, como dispersam sem deixar rasto, pelo que são treinados a manter-se em permanente circulação. Em cada pólo autónomo, regra geral, os terroristas preparam os seus agentes em campos de treino que podem ser móveis, para não serem localizados pela polícia ou pelos militares. Faz parte do *currículo*²⁶ um intenso curso de armas e várias actividades militares para fortalecer o corpo, agilizar a capacidade de resposta e programar a mente através de uma *propaganda* diária e insistente. Para coordenar acções, consulta-se o Ciberespaço. Há uma divisão do trabalho e aposta-se na tecnologia, incluindo explosivos, armas de fogo e engenhos telecomandados, talvez armas de destruição maciça (químicas ou biológicas), fabricadas a partir de material de laboratórios e centros de investigação e, logo, relativamente fáceis de obter; se bem que aplicá-las seja um tanto mais complicado.

Em relação ao material, podem usar armamento militar tradicional mas, como é pesado e dá muito nas vistas, por vezes escolhem material básico, mais fácil de transportar, além de suficiente para aguentar uma situação provisória; como no *11 de Setembro*, antes do avião

²² «O que o 11 de Setembro mostrou é que os novos terroristas, como Bin Laden, utilizam todos os meios das sociedades democráticas – aviação comercial, *off-shores*, banca, especulação bolsista – para destruí-las. Está nas mãos de todos nós e, em particular, dos que estão ligados ao sistema financeiro, colocar a ética acima da ganância – e evitar que isso aconteça.» [Santos, N. (2001), “O Dinheiro Sujo de Bin Laden”, *Expresso*, Artigo de Opinião, 22/09].

²³ Não necessariamente incompatíveis com relações de cumplicidade, por exemplo, com as empresas estrangeiras, que continuam a explorar ou a transaccionar recursos consoante as suas conveniências em troca do financiamento das campanhas políticas desses líderes; são os chamados *jogos de bastidores*.

²⁴ «Talvez venhamos (...) a descobrir que, no novelo do Terror, confraternizam mercenários e fanáticos, psicopatas e capitalistas racionais, barões da droga e chefes tribais, políticos ambiciosos e burocratas securitários, ex-espões de causas perdidas e candidatos ao domínio de uma Nova Ordem Mundial, dominada por interesses que hoje se camuflam de lutas pela injustiça e pelos oprimidos. Se nos impacientarmos hoje com o *estado de coisas*, duvido que gostássemos de conhecer a identidade destes *libertadores*.» [Rogero, N. (2002), *Guerra em Paz – A Defesa Nacional na Nova Desordem Mundial*, Hugin Editores, Lisboa, pp. 804].

²⁵ G., N. (2001), “As redes ocultas do terror”, *Expresso*, 22/09.

²⁶ Talvez o manual terrorista mais famoso de todos os tempos seja o “Minimanual de Guerrilha Urbana” de Carlos Marighella, publicado pela primeira vez em 1969.

embater contra as torres, por exemplo. No caso dos explosivos dos suicidas palestinianos, estes são enrolados ao corpo; ninguém os vê a não ser que passem por um controlo de metais ou lhes tacteiem o corpo, o que não acontece na rua, nos autocarros ou centros comerciais. Desapercebidos entre a multidão, são tão fáceis de descobrir como uma agulha no palheiro. Tanto que, regra geral, os terroristas são excelentes militares, especializados *no elemento surpresa* capaz de produzir efeitos avassaladores. Viveram anos a movimentar-se na bruma e adaptam-se como ninguém às circunstâncias. Sabem infiltrar-se nas sociedades que visam aterrorizar, passando por normais e simpáticos concidadãos; movem-se pelos vazios, entre silêncios antes de atacarem, quando menos se espera; ou seja, aprendem a ser *pacientes* e a *disfarçar* as suas reais intenções. O terrorista que entrega a vida mais parece um projectil pela ligação íntima com a bomba que carrega consigo, avançando qual *martírio pessoal do tipo ofensivo* num ataque de precisão significativa.

Se o terrorismo mais moderno pode ser massificado, misturar o público e o privado, o civil e o militar ou trabalhar com tecnologia de ponta, continua a viver de símbolos. Assim, os bens são dilapidados para aplicar uma punição, as represálias visam alvos policiais e militares, e as execuções servem de exemplo; os terroristas não se consideram (nem são vistos) como assassinos, lutam por uma causa que os liberta²⁷ e, quando morrem, são elevados a mártires; as próprias famílias dos suicidas palestinianos mostram à comunicação social (que consegue transformar um episódio menor num acontecimento mundial) as fotografias dos seus parentes, ditos abençoados, para lhes avivar a memória e tentar perpetuar a glória. A partir deste tipo de manifestações, cria-se um mito; ao conto acrescenta-se um ponto e a palavra passa de boca em boca; se um nome sobrevive, geralmente de um líder carismático, por muito que a mensagem entretanto já não seja exactamente conforme o original, atinge uma dimensão superlativa e é passível de arrastar multidões; o que, atendendo ao que é, se torna bastante perigoso. Para manter a revolta viva, sabe-se que estes valores de sacrifício e devoção aos ideais, começam por ser incutidos nas crianças, desde muito pequenas; no mundo muçulmano, muitas escolas religiosas desempenham funções nas mesquitas, imprimindo o fundamentalismo islâmico.

E quem são esses terroristas? *Defensores, justiceiros, soldados da liberdade*, ou até *guerrilheiros* – que lembra um certa áurea romântica dos tempos de Che Guevara. Independentemente do nome que lhes dão ou a si próprios se chamam, se impõem o medo agudo e visceral, não passam de terroristas. Por outro lado, as hostes terroristas enchem-se com as facções carentes da sociedade; os que até então levaram uma vida dura, de fome, miséria e maus tratos, que sofreram violência doméstica ou estadual, que se sentem marginalizados, desenraizados, discriminados; que têm pouco ou nada, por não conseguirem dar a volta à situação, por a comunidade ser corrupta ou não dar valor ao mérito e, ao invés de ajudar, parecer impedir o progresso pessoal e/ou profissional. São os que desistem de fazer algo produtivo e apostam num projecto que dê alma às suas vidas²⁸.

²⁷ Camus: «Fiel às suas origens, o rebelde demonstra mediante o sacrifício que a sua verdadeira liberdade não é a liberdade para o assassinato, mas a liberdade ante a sua própria morte.» [A. Camus cit. in Ivianski, Z. (1985), “O problema moral – Alguns aspectos do terror individual” in D. C. Rapoport, *La moral del terrorismo*, Ariel, Barcelona, Ariel, pp. 18].

²⁸ O Director do Instituto de Estudos Árabes e Islâmicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o Prof. Dr. António Dias Farinha é particularmente incisivo ao explicar que «(...) os países e os povos mais ricos ou mais poderosos têm sempre de respeitar a personalidade daqueles que se encontram em situação de

Regra geral protegem-se nas tradições que herdaram ou aprenderam a respeitar. Contra as pressões externas à sua pessoa ou ao seu grupo, gritam contra a humilhação; e são capazes de tudo, num acto de desespero.

Mas há um outro tipo de *recrutas*, os das classes média e alta; aqueles que, tendo tudo de mão beijada, talvez achem a vida monótona e precisem de um estímulo, aspirando ao perigo e ao heroísmo cedendo à propaganda²⁹, visando depois o reconhecimento de um grupo que, curiosamente, lhe está constantemente a ordenar que ultrapasse dificuldades. São maioritariamente escolarizados, boa parte possui ensino superior – no caso da Al-Qaeda, certos elementos frequentaram as melhores Universidades americanas e europeias. Mesmo os ocidentais recém-convertidos ou de segunda e terceira geração, preferem proclamar-se muçulmanos ao invés de ingleses, franceses e norte-americanos, fechando-se numa luta sem tréguas pela sua religião – curiosamente, os mesmos ciosos da sua linhagem e do seu passado histórico, nem sempre se apercebem da influência ocidental que já é real nas suas vidas.³⁰

Quem são as vítimas? Sobretudo os civis das sociedades ocidentais, de preferência de tradição judaico-cristã, porque mais propensos a não ripostar com violência, a valorizar a vida, a paz e a compreensão mútua; e por viverem em regimes que defendem a democracia e o pluralismo.³¹ O objectivo é, pois, criar uma sensação de incerteza na população ou até de suspeita relativamente às instituições e a todos os agentes estaduais que supostamente deveriam ter garantido a sua segurança; é obrigar os governos a investir na Defesa; afinal, uma população como a ocidental, cosmopolita, aberta e livre, com o tempo começa a aperceber-se das desvantagens de políticas restritivas – enquanto são promovidas medidas extraordinárias que distribuem militares armados nos aeroportos e se admite a hipótese de colocar os telefones sob escuta ou as contas bancárias dos cidadãos sob investigação – não se dispendo a abdicar de direitos que levaram décadas a conquistar; ou seja, um regime demasiado repressivo, não só não consegue arrancar o mal pela raiz, como germina descontentamento em ciclos periódicos de maior e menor intensidade. A dificuldade em equilibrar a *liberdade* com a *segurança* em Democracia, é talvez o nosso calcanhar de Aquiles perante o terrorismo. A inexistência de uma resposta automática que agrade a

fraqueza relativa. Impõe-se não empurrar essas populações para estados de desespero tão dramático, que procurem no consolo da morte a dignidade que lhes é negada em vida.» [Dias Farinha, A. (2001), “Os novos beligerantes”, *Expresso*, Artigo de Opinião, 29/09].

²⁹ Anúncio de jornal (23/10/1970): «Procura-se! Camaradas corajosos para se juntarem a nós, um grupo de amigos empenhados politicamente, numa excursão de vários meses pelo Médio Oriente, como correspondentes de guerra para estudar a GUERA DE LIBERTAÇÃO dos refugiados palestinos que tentam reconquistar sua pátria. Se você tiver experiência com tanques, aliste-se imediatamente. Dinheiro não é problema. O que importa é espírito de camaradagem e coragem pessoal.» [Sterling, C. (1982), *A rede do terror – A guerra secreta do terrorismo internacional*, Nórdica, Rio de Janeiro, pp. 129].

³⁰ Por exemplo, ao comerem num MacDonalds ou ao comprarem tecnologia europeia, embora se queixem contra a Globalização ou façam um discurso anti-americano; aliás, a cultura dita ocidental que tanto dizem desprezar, parece produzir neles uma relação profunda de amor-ódio.

³¹ Pensa-se que o terrorismo tem mais força e mais impacto quanto mais frágil o sistema de autoridade. Exemplo basco: «Uma vez desaparecido Franco [ditador] – com os seus tribunais militares especiais, seus julgamentos sumaríssimos, pelotões de fuzilamento e polícia secreta – todos os tipos de formações terroristas emergiram para respirar o ar inebriante.» [Sterling, C. (1982), *A rede do terror – A guerra secreta do terrorismo internacional*, Nórdica, Rio de Janeiro, pp. 195].

todos³² fortalece os terroristas, que agiram prevendo essa hipótese. E se hesitarmos, ao condescender perante os seus motivos, a jogada reverterá igualmente a favor deles, passando a ser manipulada através da transferência da culpabilidade³³. Porque os terroristas não hesitam. Para eles é *Fazer* ou *Não Fazer*. Não há meio termo ou acrescidas considerações. O objectivo é final e não negociável. Felizmente, o *11 de Setembro* obrigou o mundo (civilizado) a pensar; a parar, para não cair na armadilha do *choque de civilizações* ou, pior, do *choque de religiões*; abriu os olhos para uma realidade já existente, baseada na racionalização do fanatismo. A solução dos problemas ainda não é óbvia ou, pelo menos, difícil de levar à prática³⁴. Cabe-nos resistir, que há muito caminho ainda por percorrer. Como diria Winston Churchill, isto *não é o fim da história. É só o primeiro capítulo.*³⁵

Conclusão

O Poder é instrumental para atingir fins. O terrorismo usa e abusa dos meios em função de objectivos; também não é fenómeno novo. O *11 de Setembro* abriu apenas os olhos para um tipo de acção de fortíssimo impacto psicológico negativo sobre a população, capaz de abalar o sentimento de segurança à escala global; que almeja efeitos superiores àqueles que a sua acção desencadeou, também porque os grupos terroristas sobrevivem do medo que incutem nuns e do apoio que germinam noutros. Tanto que o exercício da sua actividade está estritamente ligado à simbologia; e a ideologia é geralmente incutida pelos seus defensores em crianças desde tenra idade, para garantir que, qualquer que seja o líder a encabeçar o grupo terrorista na altura, o ideal nunca morra. Não admira, portanto, que o terrorismo de índole religioso seja especialmente perigoso para as suas vítimas. A força da

³² «Se cedemos, não fazemos mais que incrementar provavelmente as suas petições; se recusamos as suas demandas, convertemo-nos em responsáveis solidários da sorte das suas vítimas. A resposta natural a este dilema é um sentimento de raiva, e, desde logo, a raiva não diminui o nosso desgosto, tanto moral como pessoal.» [Louch, A. (1985), “Terrorismo – A imoralidade de uma convicção” in D. C. Rapoport, *La moral del terrorismo*, Ariel, Barcelona, pp. 61-62].

³³ Baseia-se na susceptibilidade da audiência (povo/opinião pública): «A transferência da culpabilidade é uma técnica de propaganda muito antiga, mas talvez se use mais agora que nunca. Esta implica um desvio da atenção pública, a qual se afasta dos actos comprometedores desde o início do conflito para dirigir-se aos do adversário, de maneira a que possam ser esquecidos ou perdoados, enquanto os últimos desgastam a confiança e a legitimidade da outra parte.» [Tugwell, M. A. J. (1985), “Transferência da culpabilidade” in D. C. Rapoport, *La moral del terrorismo*, Ariel, Barcelona, pp. 74].

³⁴ «Académicos de culturas de mercado assumiram que o que as pessoas destes países precisam é de mais educação, uma forma democrática de governo, ou tempo para se desenvolver. (...) este comportamento poderá não estar associado a nenhum tipo particular de cultura indígena, forma de governo, ou passado inerente.», [Mousseau, M. (2002/2003), “Market Civilization and its Clash with Terror”, *International Security*, vol. 27, n.º 3, Winter, pp. 16], mas sim a choques imensos dentro de sociedades que ainda não souberam (conseguiram) assimilar as grandes mudanças que o tempo trouxe ao mundo.

³⁵ Winston Churchill (*New York Times*, 12/10/1942): «Quando gentes pacíficas (...) em tempo de paz (...), quando nações e povos despreocupados e confiantes, que nunca conheceram a derrota, quando nações imprevidentes, eu diria imprudentes, que desprezam a arte militar e acreditam que a guerra é demasiado iníqua para que um dia possa voltar – quando estas nações são atacadas por conspiradores altamente organizados (...) que, ao longo dos anos, planeiam em segredo (...), glorificando a morte e a agressão, preparados e treinados até aos limites permitidos pela ciência e pela disciplina – quando isto acontece, é natural que os pacíficos e imprevidentes sofram terrivelmente, e que os agressores intrigantes e cruéis dêem livre curso à sua exultação selvagem. Mas não é o fim da história. É só o primeiro capítulo.» [Rogero, N. (2002), *Guerra em Paz – A Defesa Nacional na Nova Desordem Mundial*, Hugin Editores, Lisboa, pp.787].

Al-Qaeda de Bin Laden – poder errático, desterritorializado, fundamentalista – é precisamente operar em nome de uma neo-jihad, cuja luta se pretende viva, insistente e persuasiva.

Para que a luta continue e resista ao longo do tempo, os grupos terroristas têm-se aperfeiçoado bastante, tornando-se capazes de actuar em rede, misturar o público com o privado, ou o civil com o militar, investir em tecnologia ou manipular os instrumentos da sociedade democrática e livre em seu benefício. Para melhor o conseguir, é preciso dinheiro e conhecimentos; pelo que é um falso engano pensar que os terroristas pertencem apenas às facções menos privilegiadas da sociedade, pois nem sempre são pobres e ignorantes; não raramente pertencem às elites, tendo recebido uma formação completa, inclusivamente nas melhores Universidades. Os terroristas são ainda especialistas no efeito surpresa e costumam dar excelentes soldados; guerrilheiros, *justiceiros*, *soldados da liberdade* – o nome pouco importa – mas não hesitam; para eles não há meio termo, sensatez ou acrescidas considerações. Cabe ao mundo civilizado compreender as suas causas sem cair na armadilha do *choque de civilizações* ou, pior, do *choque de religiões*. E ganhar esta guerra psicológica, em nome dos valores ocidentais que prescrevemos: o pluralismo, a democracia e a economia de mercado. Em liberdade e segurança

Bibliografia Consultada

Cronin, A. K. (2002/2003), “Behind the Curve – Globalization and International Terrorism”, *International Security*, vol. 27, n.º 3, Winter, pp. 30-57;

Dias Farinha, A. (2001), “Os novos beligerantes”, *Expresso*, Artigo de Opinião, 29/09;

Louch, A. (1985), “Terrorismo – A imoralidade de uma convicção” in D. C. Rapoport, *La moral del terrorismo*, Ariel, Barcelona, pp. 61-72;

Moreira, A. (2000), “Poder Funcional-Poder Errático”, in *Estudos da Conjuntura Internacional*, Publicações Don Quixote, Lisboa, pp. 55-68;

Moreira, A. (2000-2001), “A Entrada no Terceiro Milénio”, *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*, Separata, Vol. XIII, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, pp. 11-18;

Sterling, C. (1982), *A rede do terror – A guerra secreta do terrorismo internacional*, Nórdica, Rio de Janeiro, pp. 15-326;

Rapoport, D. C. (1985), “Introdução” in *La moral del terrorismo*, Ariel, Barcelona, pp. 5-16;

Quester, G. H. (1985), “A eliminação da oportunidade terrorista”, in D. C. Rapoport, *La moral del terrorismo*, Ariel, Barcelona, pp. 138-168;

Loureiro dos Santos, General (2002), *A Idade Imperial. A Nova Era – Reflexões sobre Estratégia III*, Publicações Europa América, Lisboa, pp. 33-105;

Kiras, J. D. (2002), “Terrorism and Irregular Warfare” in J. Baylis *et al.*, *Strategy in the Contemporary World – An Introduction to Strategic Studies*, Oxford University Press, Oxford, pp. 208-232;

Mousseau, M. (2002/2003), “Market Civilization and its Clash with Terror”, *International Security*, vol. 27, n.º 3, Winter, pp. 5-29;

Tugwell, M. A. J. (1985), “Transferência da culpabilidade” in D. C. Rapoport, *La moral del terrorismo*, Ariel, Barcelona, pp. 73-93;

Rogeiro, N. (2002), *Guerra em Paz – A Defesa Nacional na Nova Desordem Mundial*, Hugin Editores, Lisboa, pp. 767-858;

Santos, N. (2001), “O Dinheiro Sujo de Bin Laden”, *Expresso*, Artigo de Opinião, 22/09;

Carré, O. (1995), “Religião e política no mundo islâmico”, *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 23, Verbo, Lisboa, pp. 453-466;

Ivianski, Z. (1985), “O problema moral – Alguns aspectos do terror individual” in D. C. Rapoport, *La moral del terrorismo*, Ariel, Barcelona, pp. 17-60;